



## CAMINHOS “OUTROS” PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL ANTIRRACISTA NA AMAZÔNIA.

Luiz Felipe Rodrigues dos Santos <sup>1</sup>  
Waldir Ferreira de Abreu <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A Lei nº 10.639/2003 representa um marco significativo na educação brasileira ao estabelecer a inclusão obrigatória da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares. Essa legislação visa garantir que a identidade negra seja obrigatoriamente valorizada e reconhecida no ambiente educacional, promovendo uma educação mais inclusiva e representativa. Apesar de sua importância a implementação desse modelo educacional enfrenta vários desafios, o livro “Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar” revela práticas de tratamento desigual entre crianças brancas e negras por parte dos professores, demonstrando que a valorização da cultura afrodescendente nem sempre é aplicada como deveria.

Para abordar essas desigualdades e avançar na implementação da Lei, o presente artigo propõe a adoção de estratégias que promovam a diversidade, inclusão e a representatividade das crianças negras no ambiente escolar. Sugere-se a integração de literaturas que incluam personagens negros como protagonistas e o uso de bonecos e fantoches negros em atividades educativas lúdicas. Essas abordagens visam não apenas refletir a pluridiversidade cultural na sala de aula, mas também fortalecer a autoestima das crianças negras bem como afirmar sua identidade cultural.

A proposta central do estudo é propor a decolonialidade como uma perspectiva antirracista na educação infantil. A decolonialidade oferece uma perspectiva crítica e transformadora, permitindo a revisão e a reestruturação de práticas educacionais que perpetuam o racismo e a desigualdade. A compreensão de como o racismo impacta a identidade étnico-racial das crianças negras é crucial para a criação de um ambiente educativo mais justo e equitativo.

A metodologia do artigo envolve uma revisão abrangente da literatura, incluindo artigos científicos, livros e documentos legais, com especial atenção à Lei nº 10.639/2003 e aos estudos de autores renomados como Eliane Cavalleiro, Daiane dos Santos, Patrícia Guanãbens e o Livro “O grupo de estudos e pesquisas em educação, infância e filosofia como locus de humanização

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, [luizrodrigues2004@gmail.com](mailto:luizrodrigues2004@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Educação e Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, [awaldir@ufpa.br](mailto:awaldir@ufpa.br).



e formação de sujeitos” do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Filosofia nas Amazônias (GEPEIF) da Universidade Federal do Pará. A análise crítica dessas fontes irá nos trazer a luz da necessidade de um compromisso escolar com uma educação infantil antirracista. Portanto, o artigo enfatiza a importância de transformar o ambiente escolar para que esse valorize genuinamente a cultura afrodescendente e combata efetivamente o racismo estrutural, promovendo assim um espaço educacional inclusivo e respeitoso das diversidades étnico-raciais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Perspectiva decolonial proporciona alternativas para uma educação mais inclusiva e igualitária, apontando também uma reavaliação nos currículos escolares como elemento fundante e suleador da história e cultura afro-brasileira e africana no ambiente escolar infantil a fim de suplantar os insistentes apagamentos nestes espaços de formação de cidadãos. Santos e Guanãbens (2021) Salientam que:

Logo, isso pode prejudicar o desenvolvimento dessas crianças, visto que é na infância que elas constroem a sua identidade, ideologias e valores, desse modo, as escolas de Educação Infantil têm a função social de trazer para a sala de aula desde cedo as relações étnico-raciais, o respeito, a valorização e o reconhecimento das diversidades para todas as crianças. (SANTOS; GUANÃBENS, 2021, p.55)

Observa-se o quanto é importante para as crianças o contato com as relações ético raciais desde a primeira infância. Já que nas escolas as crianças irão ter contato direto com as mais variadas diversidades. Santos e Guanãbens Ressaltam também:

Assim, é preciso desconstruir ideologias racistas e ações preconceituosas que foram criadas a partir da época escravidão. Em vista disso, as crianças e jovens negros recriminam e menosprezam a sua própria identidade e cultura por acreditarem que ser negro é algo ruim ou inferior. (SANTOS; GUANÃBENS, 2021, p.51)

As autoras ainda afirmam que:

O preconceito e o racismo são construções históricas que precisam a todo o tempo ser desmistificadas e excluídas da sociedade brasileira. Em meio a isso, é preciso o enfoque e a valorização da literatura, da cultura e da história étnico-racial nas escolas. A Educação Infantil é o primeiro contato que a criança tem fora do âmbito familiar e é nesse ambiente enriquecedor de diversidades que são necessários o enaltecimento e o enfoque para as questões raciais e identitárias. (SANTOS; GUANÃBENS, 2021, p. 54)

Contudo, é importante destacar que, apesar da legislação exigir o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, essa valorização ainda não ocorre de maneira efetiva como deveria. Detecta-se também que como consequência o racismo oprime a



identidade étnico-racial, afeta o desenvolvimento psicológico, emocional, social, desencadeando na desvalorização cultural e identitária da autoestima por meio cultura do auto-ódio.

Em meio a isso Eliane Cavalleiro (2012) destaca que crianças negras de quatro a seis anos já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem. Santos e Guanãbens (2021) apontam que Crianças negras tendem a não se aceitar, não gostando de sua cor de pele, traços e cabelos. Por isso, no ambiente escolar, faz-se necessário ensinar as crianças a se amarem como são e a aprender a enfrentar qualquer tipo de preconceito. Cavalleiro (2012) Relata que já as crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, as crianças negras, atribuindo caráter negativo a cor de pele. Santos e Guanãbens destacam que:

Tudo o que é vivenciado pelas crianças no ambiente escolar, seja positivo ou negativo, será carregado por toda sua vida. Logo, é importante que haja um cuidado por parte dos educadores em tudo o que for falado ou expressado em sala de aula, pois pode ocasionar experiências marcantes na vida dos pequenos. (SANTOS; GUANÃBENS, 2021, p.53)

Além disso, é comum que alguns educadores escondam suas atitudes e comportamentos preconceituosos, já que esses são considerados inaceitáveis no contexto educacional. A autora Eliane Cavalleiro em seu livro relata situações em que os educadores deveriam se posicionar diante de casos de racismo, ao contrário nada fazem e ainda parabenizam os alunos que foram vítimas, quando eles se calam perante o ato racista.

Santos e Guanãbens (2021) do mesmo modo salientam que é fundamental que os professores se dediquem ao estudo e à qualificação contínua sobre as relações étnico-raciais. É importante que implementem o uso de bonecas e fantoches negros, bem como incluam na literatura infantil personagens negros, para garantir que todas as crianças se sintam representadas nas salas de aula. Márcia dos Reis (2021) afirma que é essencial que a preocupação com as relações raciais e seus conflitos seja reconhecida como uma responsabilidade da educação escolar. A escola não deve ser apenas um espaço para a transmissão de conhecimento acadêmico, mas também um ambiente que contribua para a formação humana diversificada. Dessa forma, o papel da educação se amplia além dos conteúdos curriculares predeterminados, abrangendo a compreensão e a valorização da nossa diversidade sócio-histórica, que é crucial para um aprendizado mais completo e significativo.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreende-se que a falta de representatividade afeta muito a primeira infância da criança, logo os educadores devem deixar de lado os seus pensamentos eurocentricos para trabalhar a educação antirracista e pôr em pratica a lei 10.639/2003. Assim, trabalhando com a representatividade a criança não terá os pensamentos de querer mudar seus traços para se encaixar num “padrão de beleza” imposto pela sociedade.

A utilização de bonecas, fantoches e literaturas na qual os protagonistas sejam negros, são ideias de caminhos outros para uma educação antirracista, assim as crianças negras iram se sentir representadas e valorizadas, deixando de lado a ideia de que é uma criança “feia” por conta da sua cor de pele e seus traços fenóticos.

Debora Dias et al. (2021) afirma que:

(...) a brincadeira é uma atividade que as crianças gostam e que é necessária para sua vida, pois assim como o ato de comer ou dormir, a brincadeira exerce uma função orgânica no desenvolvimento da criança. Também é através da brincadeira que a criança constrói o conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo. Ao brincar a criança interage com as pessoas compartilhando seus valores culturais, éticos e morais. (DIAS et al.,2021, p.173)

Assim as crianças negras tendo contato com brincadeiras que envolvam bonecos e fantoches negros irão contribuir para os processos de autorreconhecimento e de valorização dos elementos culturais representativos de sua ancestralidade africana incluindo-se entre eles o fenótipo. A literatura, igualmente apresenta a mesma possibilidade de autorreconhecimento e representatividade. Costa e Ribeiro (2017) afirmam que a narração de histórias estimula a curiosidade, a criatividade, o desenvolvimento de ideias, expande o conhecimento e permite que a criança experimente situações que a façam sentir alegria, tristeza e medo. Os personagens dessas histórias frequentemente servem como exemplos para as crianças, auxiliando na resolução de conflitos e criando novas expectativas, e posicionamentos sociais nos quais a criança pode ver-se como herói ou heroína, rei ou rainha, isto é, como mulheres, homens, crianças, idosos carregados de valorosos saberes e modos de ser, viver e estar no mundo. Assim a contação de histórias tem um papel muito importante na vida da criança. Desse modo, no parágrafo subsequente, serão apresentadas algumas edições que trilham o caminho pluridiverso:

“Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser” (2019), do autor Lazaro Ramos, “Ei, você!: Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro.” (2021), de Dapo Adeola, “Meu crespô é de Rainha” (2018), de Bell Hooks, “A pele que eu tenho” (2022), Bell Hooks,



“Da cor que eu sou” (2021), de Andressa Reis, “Com qual penteado eu vou?” (2021), de Kiusam de Oliveira, “tudo bem ser diferente” (2002), de Todd Parr, “O cabelo de lelé” (2012), Por Valéria Belém e “Neguinha, sim!” (2023), por Renato Gama, essas são umas das ideias de histórias que podem ser abordadas para as crianças trazendo assim a representatividade, a valorização da cultura afro-brasileira, africana e o autorreconhecimento para elas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Colocando em prática a perspectiva decolonial e a Lei 10.639/2003, poderá haver uma educação mais igualitária e representativa para as crianças negras. Para tanto, a formação inicial e continuada pautada na Educação para as Relações étnico-raciais são imprescindíveis para a promoção de um ambiente escolar que positive as diferenças culturais.

E os usos de atividade lúdicas com bonecos, fantoches e literaturas são vieses de potencialidade no ensino pautado na luta antirracista e no reconhecimento da pluralidade cultural existente no mundo bem como no território amazônico.

Portanto, a implementação bem-sucedida da Lei nº 10.639/2003 exige um compromisso com a inclusão e a diversidade, através de práticas pedagógicas que valorizem a cultura afrodescendente e promovam a igualdade racial. É necessário um trabalho conjunto de todos os envolvidos na educação para garantir que a lei não apenas exista no papel, mas se concretize na prática, proporcionando uma educação que reflita verdadeiramente a rica diversidade cultural do Brasil.

**Palavras-chave:** Educação Antirracista, Educação Infantil, Decolonialidade.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as maravilhas que tens feito em minha vida, secundamente meus pais, Monica Rodrigues, Benice Pacheco, Ires Santos (tio Jorge) e Caroline Santos. Obrigado por sempre me apoiarem e nunca deixarem faltar nada em minha vida, tudo que sou hoje e graças a vocês.

Agradeço meus familiares que contribuíram para que eu pudesse estar realizando a minha primeira participação no Congresso Nacional de Educação.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Filosofia nas Amazônias-GEPEIF pelos compartilhamentos de conhecimentos nas nossas sessões de estudos.

## REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, E. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil/ Eliane dos Santos Cavalleiro 6. ed. – São Paulo: contexto, 2012.

COSTA, Patricia E.; RIBEIRO, Janete S. M. A importância de contar história na educação infantil. **Revista eletrônica científica inovação e tecnologia**, v.8, n. 22, 2017.

DIAS, Debora N. R; et al. O papel socializador e inclusivo dado ao brinquedo na educação infantil. *In*: ABREU, Waldir F. de; et al. (org.). **O grupo de estudos e pesquisas em educação, infância e filosofia como locus de humanização e formação de sujeitos**. Belém: Rfd Editora, 2021. Cap.11, p. 172-189.

DOS SANTOS, Daiane; GUANÃBENS, Patrícia Ferreira Santos. A Educação Infantil e a construção identitária das crianças negras: Práticas pedagógicas como forma de aplacar o racismo na Educação Infantil. **Revista de Ciências Humanas**, v. 2, n. 21, 2021.

REIS, Marcia C. de C. C. dos. Formação de professores/as para uma educação étnico-racial na amazônia. *In*: ABREU, Waldir F. de; et al. (org.). **O grupo de estudos e pesquisas em educação, infância e filosofia como locus de humanização e formação de sujeitos**. Belém: Rfd Editora, 2021. Cap.15, p. 244-257.